

UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

SÉRIE 4 - N.º 143
OUT./DEZ. 2014 TRIMENSÁRIO - € 0,20

PROPRIEDADE DA UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

www.URAP.PT

geral@urap.pt

EDITORIAL

TEMPO DE ACÇÃO ANTIFASCISTA

Como sabemos, a acção da URAP, enquanto organização antifascista, visa, primeiramente, a defesa das conquistas, dos ideais e dos valores de Abril e da nossa democracia. Uma democracia conquistada através da heróica luta contra a longa noite do fascismo, que oprimiu, condenou, torturou e assassinou muitos portugueses que contra ela se ergueram e que jamais desistiram de lutar pela liberdade. Pela liberdade de expressão, pelo direito à greve, pela liberdade de reunião, pelo direito a uma vida digna, de cabeça erguida, para todo o povo português.

As conquistas de Abril deram aos portugueses a Escola Pública, verdadeiramente democrática e para todos, o Serviço Nacional de Saúde, considerado então um dos melhores em todo o mundo, e abriram as portas para a possibilidade de reivindicarmos os nossos direitos e de ambicionarmos um mundo melhor. Estas conquistas são, neste momento, alvo do mais forte ataque da nossa história democrática.

Os sucessivos governos PS, PSD e CDS, traçaram um caminho, ao longo dos últimos 38 anos, unicamente delineado para a destruição

do que a Revolução criou. Esse caminho, por vezes mais longo e sinuoso, face à luta oferecida pelo povo, outras vezes feito por atalhos e corta-matos, à revelia dos portugueses e da lei, encontra-se actualmente num momento particular. Nesta altura, camuflados pela crise estrutural do sistema em que vivemos, os ataques contra a esmagadora maioria dos portugueses já não primam pelo cuidado e pela artimanha. São já, declaradamente, ataques antidemocráticos e tradutores de um capitalismo selvagem, onde, abertamente e à vista de todos, se utiliza o poder ao serviço de quem manda, de forma a oprimir aqueles que continuam a lutar, sem dar tréguas, contra a ofensiva da qual são o alvo principal.

Foram disso claras demonstrações o impedimento da plena concretização da greve dos trabalhadores da TAP, que lutam corajosamente contra a privatização e destruição de uma das mais importantes empresas nacionais.

Nas escolas, 2800 professores foram sujeitos a avaliações humilhantes, decorrendo estas sob o olhar atento do Corpo de Intervenção da PSP que, pela primeira vez na sua história, foi convocado para uma acção deste tipo, tendo ordens para permanecer «em alerta máximo».

Também os alunos se vêem hoje impedidos, como noutros tempos, de exercer os direitos democráticos conquistados por Abril. Em diferentes escolas, directores impedem alunos de se reunir, associações de funcionar e eleições de acontecer. Manipulam os direitos dos alunos, colocando-os ao serviço dos interesses das próprias direcções das escolas.

Nos hospitais morrem pessoas por falta de assistência médica, porque não existem profissionais suficientes e o tempo de espera é, muitas vezes, superior a 10, 12 horas.

São tempos que lembram outros tempos. Tempos que afrontam a nossa história e o nosso povo. Tempos que, por isso mesmo e como sempre, exigem, mais do que nunca, a nossa força e a nossa Luta!

Ivo Serra



TOCHA DA FIR EM PORTUGAL - pág. 7
Assinalando os 70 anos da vitória sobre o nazifascismo, a Federação Internacional de Resistentes, que a URAP integra, traz a Portugal a Tocha da Liberdade e da Paz.

PORTAS QUE ABRIL ABRIU - págs. 4 e 5

DAR FORÇA À URAP - pág. 8

RESISTÊNCIA E REVOLUÇÃO EM ODIVELAS

A URAP esteve presente, no dia 5 de Dezembro, na sessão de apresentação de um dossier intitulado «Apontamentos para a História do Município de Odivelas», produzido pelos vereadores da CDU no município. A URAP esteve representada pelos membros da direcção Rosa Macedo e José Pedro Soares, que interveio.

A publicação relata, ao longo de 159 páginas, a luta da população do município de Odivelas antes e depois do 25 de Abril e reúne um conjunto de propostas de valorização futura desse património. Nestes «Apontamentos para a História no Município de Odivelas», os depoimentos recolhidos e os documentos que o integram têm o objectivo de «clarificar que há um passado que não pode ser esquecido, um passado de luta e de resistência, que aqui está bem ilustrado com as palavras e os rostos de muitos que ousaram lutar, mesmo nas difíceis condições de antes do 25 de Abril, para que o fascismo fosse derrotado e se conseguisse a liberdade e a democracia», disse José Pedro Soares.



O dirigente da URAP recordou o «acontecimento extraordinário» para Portugal e para o mundo que constituiu o 25 de Abril, realçando que «os objectivos da actividade da URAP são exactamente a denúncia e a luta contra o branqueamento do fascismo, contra o racismo e a xenofobia, a exploração, os preconceitos e discriminações que ainda hoje se fazem sentir». Intervieram ainda na sessão os três vereadores eleitos pela CDU na Câmara Municipal de Odivelas, responsáveis pela publicação, e a historiadora Joana Pereira.

UPP REVISITA ROTEIRO DA URAP



A Universidade Popular do Porto (UPP), com a participação do núcleo do Porto da URAP, ministrou um curso, no âmbito das comemorações dos 40 anos de Abril, a partir das «Bases para um Roteiro da Resistência ao Fascismo no Porto (1926/1974)», editadas pela URAP. O curso decorreu entre 4 e 25 de Outubro e visou desenvolver projectos que contribuíssem para dar a conhecer espaços marcantes da luta antifascista na cidade do Porto, visitar memórias e olhar a cidade como um espaço público de representação da resistência, com os seus locais simbolizados: a toponímia, as delegações das polícias, os tribunais, as cadeias, os bairros, as ilhas, os cinemas, os teatros, entre outros.

LEMBRAR A GUERRA COLONIAL

Uma evocação da resistência na Guerra Colonial, nomeadamente na Guiné-Bissau, juntou cerca de 30 pessoas no salão da União Desportiva e Columbófila de A-dos Loucos, União de Freguesias de Alhandra, S. João dos Montes e Calhandriz, dia 6 de Dezembro passado. Presidiram à sessão elementos que integravam a Companhia de Cavalaria 2721, entre os quais o membro dos corpos sociais da URAP, Bento Luís.

O presidente da União de Freguesias, Mário Cantiga, juntou-se à iniciativa, na qual se lembrou a participação, em igualdade, nos plenários e as reuniões restritas de oficiais em que se debatia já o fim do fascismo. As tertúlias poéticas e musicais e a publicação de «O Tabanca», de cariz claramente democrático, foram igualmente recordadas.





URAP
Propriedade e edição
da **União de Resistentes
Antifascistas Portugueses**
Membro da Federação Internacional
de Resistentes

Directora **Ana Pato**
Paginação e Grafismo **Sónia Semião**

Redacção e Administração
Rua Bernardo Lima, 23 - 1º Esq.
1150-075 Lisboa • Telefone 213 576 083

URAP assinala 45.º aniversário II CONGRESSO REPUBLICANO DE AVEIRO



«Estamos hoje aqui a comemorar o II Congresso de Aveiro (...). São os exemplos destes companheiros que tiveram a coragem, a ousadia, de pôr de pé estes Congressos, que nos ajudam a todos nós que queremos um mundo de Paz, de Liberdade, um mundo melhor.» Estas palavras são de Marília Villaverde Cabral, coordenadora da URAP, que falava na tarde de 5 de Dezembro na cerimónia evocativa do II Congresso Republicano, sob o lema «Resistir no Passado - Resistir no Presente», que decorreu em Aveiro.



A sessão foi promovida pelo núcleo de Aveiro da URAP e contou ainda, como oradores, com António Regala, que presidiu, com o director da Torre do Tombo, Silvestre Lacerda, e com os membros do Secretariado do Congresso Flávio Sardo, Joaquim Silveira e Jorge Sarabando, que apresentaram testemunhos vividos em 1969. Para a coordenadora da URAP, que centrou a sua alocução no papel que desenvolveu e desenvolve a sua organização, legítima herdeira da Comissão de Socorro aos Presos Políticos, a «evolução de Congresso para Congresso, na sua cada vez maior capacidade organizativa e na profundidade das questões tratadas, correspondeu a uma mais ampla participação das massas, tendo culminando no III Congresso de Aveiro, o qual pelas teses, pelas resoluções aprovadas, pela interventiva participação de trabalhadores e intelectuais, foi um valioso contributo para o 25 de Abril».



Silvestre Lacerda, por seu lado, apresentou documentação sobre o II Congresso encontrada nos arquivos da PIDE/DGS, bem como notícias e curiosidades divulgadas na época. Com o Salão Nobre do Teatro Aveirense cheio, foi recordada a figura de Mário Sacramento, grande figura da oposição democrática de Aveiro, médico, escritor neo-realista e ensaísta. Após as intervenções realizou-se um interessante debate.

As comemorações encerraram à noite, com um espectáculo musical no Grande Auditório do Teatro Aveirense, em que participaram Canto Décimo, Escola de Dança Rita Grade, Fausto Neves, Manuel Pires da Rocha, Manuel Freire, Vieira da Silva e Adélio Simões.

ACONTECIMENTO HISTÓRICO

O II Congresso Republicano de Aveiro realizou-se em 1969, num momento importante para Portugal: Marcello Caetano substituíra Salazar e a chamada «renovação na continuidade» não foi mais do que uma série de mudanças de nomes, mantendo-se inalterada toda a política do regime.

Depois de um primeiro congresso, em 1957, dedicado, sobretudo, à exigência de restauração das liberdades democráticas, o II Congresso defendeu a ruptura com o Estado fascista através do fim da guerra em África, da luta contra o poder absoluto do capital monopolista e ainda da conquista das liberdades democráticas.

Os trabalhos do II Congresso Republicano prolongaram-se por três dias, com mais de 60 teses e comunicações, e mensagens de grande significado político, como as enviadas por Ferreira de Castro, Maria Lamas, José Morgado, Ruy Luís Gomes e Aida Magro, em nome das famílias dos presos políticos.

SESSÃO EM SERPA

O papel dos jovens na luta contra o fascismo, as prisões, o campo de concentração do Tarrafal e também as conquistas ocorridas depois de Abril foram temas abordados por José Pedro Soares numa sessão/debate com alunos do ensino secundário da Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Serpa (EPDRS). O dirigente da URAP, que se fazia acompanhar por Diamantino Torres, igualmente da direcção, falou ainda da II Guerra Mundial, cujo 70.º aniversário se assinala este ano, e dos sacrifícios do povo português. Alertou também para os perigos que hoje se avizinham, assim como para o ascenso do nazifascismo na Europa.

A sessão - que decorreu a 28 de Novembro passado, ainda no âmbito do 40º aniversário do 25 de Abril de 1974 - ocorreu a convite da Câmara Municipal de Serpa e teve como primeira oradora a vereadora Isabel Estevens que sublinhou a importância da Revolução dos Cravos para um Portugal democrático e livre. Os cerca de 120 alunos presentes encetaram um interessante diálogo com os oradores e foi num clima de comção que ouviram o cante alentejano entoado por um grupo de jovens.

QUE PORTAS ABRIL ABRIU

E em Lisboa capital
Dos novos mestres de Aviz
O povo de Portugal
Deu o poder a quem quis

E se esse poder um dia
O quiser roubar alguém
Não fica na burguesia
Volta à barriga da mãe

Volta à barriga da terra
Que em boa hora o pariu
Agora ninguém mais cerra
As portas que Abril abriu

(Do poema de José Carlos Ary dos Santos «As portas que Abril abriu», Obra Poética, Edições Avante!, 1994)



Que portas Abril abriu? Um pouco de história antes do 25 de Abril. Portugal era um País atrasado. O povo vivia mal, muito mal. Em muitos lugares, aldeias e freguesias, não havia luz eléctrica nem em casa nem na rua. Não havia água canalizada. Nem esgotos.

A falta de assistência médica era enorme. Grassava a tuberculose e outras doenças. Grande parte do povo português era analfabeto. Vivia-se num estado de grande miséria.

Havia a guerra colonial, milhares de jovens dos 20 aos 23 anos eram enviados, forçados, a irem para Angola, Moçambique ou Guiné, onde a guerra era cruel e injusta e onde muitos perderam a vida e outros foram atingidos ou sofreram acidentes que os deixaram marcados para toda a vida e com incapacidades físicas enormes.

O fascismo já mandava no País desde 1926, há 48 anos.

O povo manifestava-se, não queria continuar a viver assim por muito mais tempo. Entretanto, havia quem lutasse contra todo este estado de opressão e exploração do povo português. É devido a estas lutas de protesto contra o sistema fascista que muitos eram presos, torturados e assassinados pela repressão, em particular pela polícia política, a PIDE.

Foi esta luta permanente do povo português de muitos anos que fez com que se criassem condições para o aparecimento do glorioso Movimento dos Capitães que, conjuntamente com o povo, derrubou o regime fascista no 25 de Abril de 1974.

Após o derrube do fascismo, o povo imediatamente procurou juntar-se massiva e abertamente em colectividades e outras associações como sindicatos, comissões de moradores, comissões de trabalhadores, partidos políticos, etc., para a partir dessas estruturas, de forma unida e organizada, intervir socialmente na construção de um País diferente e melhor para todos.

Foi assim que em muitos lugares, bairros e freguesias, surgiram escolas, parques infantis, creches, centros de dia para os idosos e reformados. Abriram-se caminhos, fizeram-se novas estradas e foram criadas condições mais dignas de viver para o povo português.

Ao mesmo tempo, o povo ocupava as sedes da União Nacional, da PIDE, da Legião e da Mocidade Portuguesa. Foi o povo que exigiu nas ruas o fim da guerra colonial e o reconhecimento do direito dos povos colonizados à autodeterminação e à independência.

Foi o povo na rua que exigiu a libertação dos presos políticos.

Abril abriu uma imensidão de portas.

No ano que findou, decorreram as comemorações do 40.^o aniversário do 25 de Abril, as quais, na sua diversidade, colocaram a exigência de continuar a luta em

defesa de Abril e das suas conquistas. Abril terá de estar sempre presente no pensamento do povo português.

Talvez seja difícil a quem nasceu próximo ou depois do 25 de Abril de 1974 se aperceber com verdade que portas Abril abriu. Para esse conhecimento indispensável, é preciso ler e falar com quem viveu nesse período histórico e esteve do lado da revolução, cujas conquistas mais importantes foram:

- Liberdade de expressão
- Liberdade de manifestação
- Liberdade de reunião
- Liberdade de organização política
- Liberdade de organização sindical
- Salário Mínimo Nacional
- Igualdade de direitos
- Fim da guerra colonial
- Eleições livres
- Direito de voto para todos
- Reforma agrária
- Direito à justiça
- Direito à habitação
- Direito à educação pública e gratuita a todos os níveis
- Direito à cultura
- Direito ao trabalho com direitos
- Direito à greve
- Direito à reforma
- Direito à saúde pública e gratuita
- Direito à segurança social universal e solidária
- Direito à greve
- Nacionalizações
- Controlo operário
- Poder local democrático
- Lei do arrendamento rural
- Lei dos baldios

No conjunto de todas estas portas que Abril abriu, consignadas na Constituição da República Portuguesa de 1976, podemos tirar esta conclusão: as coisas devem ser sempre dos seus donos naturais, o povo. Só o povo está em condições de as amar, de as fazer crescer e produzir mais, e de lutar sempre em sua defesa e recuperação.

Viva sempre o 25 de Abril de 1974.

Vinte cinco de Abril, sempre. Fascismo, nunca mais.

FALECEU JOSÉ CASANOVA RESISTENTE ANTIFASCISTA E CONSTRUTOR DE ABRIL

Com o falecimento de José Casanova, ocorrido no passado mês de Novembro, desaparece um coerente e determinado combatente pelos ideais e valores de Abril, um destacado resistente antifascista e um regular colaborador da URAP. Ainda na última edição do nosso boletim noticiámos o lançamento, em Almada, do seu mais recente livro sobre Catarina Eufémia, promovido pelo núcleo local da URAP.

Nascido no Couço em 1939, desde cedo presenciou episódios de luta contra o fascismo e a exploração, o que moldou decisivamente as suas convicções. Em 1958, com apenas 19 anos, aderiu ao PCP desempenhando as suas primeiras actividades políticas na União da Juventude Portuguesa, da qual foi dirigente. Foi particularmente activo nas campanhas eleitorais de Arlindo Vicente e Humberto Delgado, em 1958.

Preso em 1960, é julgado e condenado a dois anos de prisão. Sujeito às famigeradas «medidas de segurança», permaneceu encarcerado cerca de seis anos. Uma vez em liberdade, rumou para a Bélgica, onde permaneceu até ao 25 de Abril. Nesse país, foi presidente da Associação dos Portugueses Emigrados na Bélgica e estabeleceu contactos com os movimentos de libertação das então colónias portuguesas.

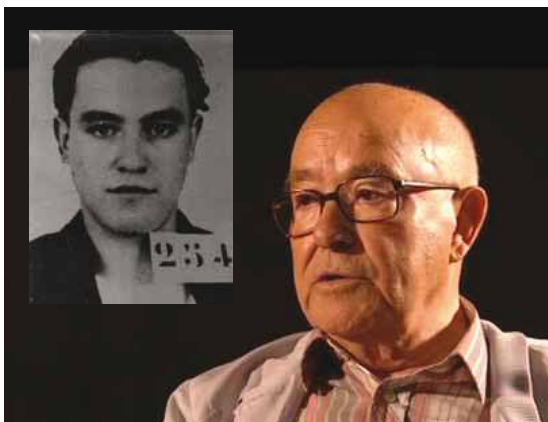
Após a revolução, regressa a Portugal e desempenha com entusiasmo todas as tarefas que o seu partido lhe atribui. Em 1976 é eleito para o Comité Central do PCP, onde permaneceu até ao seu falecimento. Integrou a Comissão Política, entre 1979 e 2008, e foi director do jornal Avante! durante 17 anos.



José Casanova distinguiu-se ainda pela sua produção literária: os romances «O Caminho das Aves», «Aquela Noite de Natal» e «O Tempo das Giestas» oferecem ao leitor, para além de apaixonantes histórias de amizade, amor e camaradagem, um retrato pungente do Portugal submetido ao fascismo e da determinação dos que lhe resistiam.



CENTENÁRIO DE SÉRGIO VILARIGUES



Assinalou-se no dia 23 de Dezembro o centenário do nascimento de Sérgio Vilarigues, um dos mais destacados resistentes antifascistas portugueses. Dirigente do Partido Comunista Português ao longo de mais de sete décadas, integrou o primeiro grupo de prisioneiros a chegar ao Campo de Concentração do Tarrafal (depois de passar por Angra do Heroísmo), em Outubro de 1936, e foi o funcionário do PCP que durante mais tempo consecutivo esteve na clandestinidade: 32 anos.

Ao longo da sua intensa vida política, assumiu as mais variadas tarefas na organização, nos seus órgãos de imprensa e nas relações internacionais do seu partido. Representou o PCP na proclamação da independência da República Popular de Angola, a 11 de Novembro de 1975. Manteve-se em vários organismos de direcção do PCP até 1996, mantendo-se atento e participante na vida política até ao seu falecimento, em 2007.

Após o 25 de Abril, participou com a URAP em várias iniciativas evocativas da resistência antifascista, em particular no Campo de Concentração do Tarrafal. Na enorme manifestação realizada aquando da trasladação dos restos mortais dos 32 antifascistas falecidos no Campo da Morte Lenta, esteve na primeira fila.

TOCHA DA FIR EM PORTUGAL EMBAIXADORA DA PAZ E DA LIBERDADE

A Tocha da FIR – Federação Internacional de Resistentes/Associação Antifascista vai percorrer Portugal de norte a sul, entre 29 de Janeiro e 12 de Fevereiro, estando presente em exposições, debates, passagens de filmes ou sessões de poesia e música.

Por iniciativa da URAP – que aderiu às comemorações dos 70 anos do fim da II Guerra Mundial –, com o apoio de autarquias e diversas instituições, a Tocha, considerada embaixadora da Paz e da Liberdade, vai estar presente em Alhandra, Almada, Aveiro, Barreiro, Grândola, Lisboa, Loures, Moita, Peniche, Porto, Seixal e Setúbal.

A URAP, tal como fez durante as comemorações dos 40 anos do 25 de Abril com a exposição «25 de Abril-Evocação, Memória e Luta», em que realizou sessões em dezenas de escolas por todo o País onde participaram milhares de alunos, vai de novo contribuir para que a História não seja nem esquecida nem adulterada, e apelar às populações, sobretudo jovem, que lutem pela Liberdade e pela Paz.

A Tocha da FIR vai percorrer vários países da Europa e a URAP – porque considera mais que devida a homenagem aos que se bateram heroicamente contra o domínio nazifascista, pela libertação dos seus países e do Mundo, bem como aos 50 milhões que morreram, aos que foram barbaramente torturados e que passaram pelo martírio dos campos de concentração – assume a obrigação de dar também o seu contributo, alertando para a situação actual que, embora com contornos diferentes, tem traços, quer sobre o ponto de vista económico quer sobre o ponto de vista social, semelhantes ao que se vivia quando Hitler subiu ao poder.

É por isso necessário que não descansemos na luta pela Paz e contra o ascenso de forças de extrema-direita, nomeadamente na Europa, e reforçemos a solidariedade internacional com os povos que sofrem guerras terrivelmente injustas.

A FIR, neste ano de 2015, para além de organizar o percurso da Tocha pela Europa, vai de novo levar a efeito a iniciativa já conhecida pelo «Comboio dos 1000», em que jovens de todo o continente participarão numa visita ao Campo de Concentração de Auschwitz. A URAP está já a empenhar-se para que jovens portugueses participem e conheçam o horror daqueles locais de tortura e morte.



URAP PROMOVE EXPOSIÇÃO



Onze painéis sobre a Segunda Guerra Mundial, elaborados pela URAP para as comemorações do 70.º aniversário do fim da guerra, podem ser mostrados em escolas ou colectividades de todo o País a fim de prestar homenagem aos 50 milhões de mortos, aos imensos sacrifícios e privações, destruições e extermínios em massa de populações civis e de prisioneiros de guerra nos fornos de gás dos campos de concentração nazis.

A mostra enquadra a ascensão do nazifascismo na grave crise do capitalismo que então se vivia, destaca o papel da União Soviética e das resistências populares na vitória sobre o fascismo e reafirma a necessidade de prosseguir a luta contra o fascismo e pela paz nos dias de hoje.

Todas as entidades ou organizações interessadas em adquirir a exposição devem contactar a sede da URAP através do email: geral@urap.pt; do telefone 213 576 083; ou por carta para Rua Bernardo Lima, 23 - 1.º Esq. 1150-075, Lisboa.



PAGAR AS QUOTAS É DEVER DE TODOS DAR MAIS FORÇA À URAP

A URAP apela a todos os seus sócios para que contribuam activamente para suportar a sua intensa actividade, o que implica exigentes e crescentes meios financeiros. Estando ciente das dificuldades que o povo português atravessa, a URAP realça a importância da sua actividade: sessões e visitas, com escolas e outros grupos, envolvendo centenas de pessoas, ao Forte de Peniche, a edição de uma brochura sobre o Tarrafal, a publicação periódica do boletim, a romagem anual ao mausoléu dos tarrafalistas, a participação no «Comboio dos 1000» e a visita às cidades da Guerra Civil de Espanha, a exposição sobre o 25 de Abril e outra sobre os 70 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e, sobre esta mesma questão, as iniciativas em torno da vinda a Portugal da Tocha da FIR.

Para sustentar esta intensa actividade é

fundamental que todos os sócios paguem as quotas em atraso e, nos casos em que tal for possível, que aumentem o valor da sua contribuição para a URAP. Apenas um euro por mês de cada sócio permitirá assegurar o funcionamento diário da URAP. Para além das quotas, é importante que os sócios levem a recolham contribuições extraordinárias, desde donativos à realização de iniciativas com esse objectivo.

As quotas e outras contribuições podem ser pagas através de cheque ou vale postal (para a morada da sede), presencialmente na sede ou junto de responsáveis pelos núcleos ou mesmo por transferência bancária. Nesse caso, o NIB é o seguinte: **0007 0021 0014 3750 0065 3**.

VIAGEM À CIDADE-MUSEU

A URAP está a organizar uma viagem a França, à cidade-museu de Oradour-sur-Glâne, cuja população foi massacrada pelo exército nazi. A viagem, que decorre entre 29 de Maio e 2 de Junho, insere-se nas comemorações do 70.º aniversário da derrota do nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

O massacre de Oradour-sur-Glâne resultou de um ataque, em 10 de Junho de 1944, da Terceira Companhia do Primeiro Batalhão do «Regimento Der Führer» contra a população indefesa da localidade, situada a cerca de 20

quilómetros a noroeste de Limoges. O massacre provocou 642 mortes numa população de pouco mais de um milhar de pessoas. As ruínas foram mantidas por ordem do governo francês, como símbolo da barbárie nazi, e classificadas pela UNESCO como património mundial da Humanidade.

Para além da zona de Limoges, a viagem que a URAP promove inclui uma visita à capital, Paris, e à região dos Castelos do Loire.

Para inscrições ou mais informações, contactar a sede da URAP.

